



FL. Nº  
Anexo – notas taquigráficas  
Proc. nº  
CMSP – NOME DA CPI  
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

**SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR**  
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO  
PARTICIPATIVA**

**PRESIDENTE: ARSELINO TATTO**

AUDIÊNCIA PÚBLICA

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 24 de abril de 2012

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone

**A SRA. PRESIDENTE (Edir Sales)** – Com a minha presença, substituindo o Sr. Presidente, Vereador Arselino Tatto, e a presença da Sras. Carmen Garcia, Diretora da OAB; Ângela e Sr. Edelmar Ulrich, grande batalhador dessa causa, declaro aberta a primeira audiência pública ao PL 527/10, de autoria do Vereador Dalton Silvano, que instituiu o Programa Social Casa Dia do Idoso no âmbito do município de São Paulo.

Esta reunião está sendo transmitidas pela internet através do portal da Câmara – [www.camara.sp.gov.br](http://www.camara.sp.gov.br), links TV Câmara e Auditórios On-Line.

Tem a palavra nobre Vereador Dalton Silvano, autor desse projeto tão importante, o qual tem todo o meu apoio.

**O SR. DALTON SILVANO** – Bom dia a todos.

Quando foi convocada a realização dessa audiência pública, estava na Comissão de Constituição e Justiça, como Vice-Presidente. Houve uma transição, porque, em todos os anos, cada Vereador ocupa uma comissão. Por dois anos, fiz parte da Comissão de Constituição e Justiça; e agora fui para a Comissão de Política Urbana. No momento, enquanto membro da comissão, estou substituindo o Vereador Abou Anni. Como há um mecanismo regimental, em que um Vereador pode substituir outro, estou o substituindo, sob o ponto de vista regimental, para concretizarmos essa audiência. Agradeço a Sr. Presidente, Vereadora Edir Salles, sempre pronta a contribuir e colaborar com os trabalhos, além de apoiar o nosso projeto.

Primeiramente, vou chamar algumas pessoas para comporem a Mesa, Srs. Edelmar Ulrich, da AFAI, Associação dos Familiares e Amigos dos Idosos; Ângela Figueiredo, do Projeto Velho Amigo, representando a Sra. Regina Moraes; Carmen Mazza, representando a Sra. Solange Amorim, da OAB seccional do Jabaquara; Rosa Subasi, do Curso de Graduação em Gerontologia; Hélio, da Secretaria de Participação e Parceria, representando a própria Secretaria e Luciana, representando o Vereador Natalini, nosso querido Vereador nesta

Casa, que tem feito um trabalho excelente junto aos idosos. Estou falando de Vereadores que sempre contribuem e colaboram para projetos relacionados a idosos.

A audiência pública é aberta a todo o público, especialmente a pessoas que representam órgãos, entidades, a sociedade civil organizada e o próprio Governo. Como autor do projeto, faço uma pergunta: “Como funciona a elaboração de um projeto de lei?” É de iniciativa do próprio Vereador ou da Assessoria, que vai ouvindo as notícias da cidade. Sempre estamos prestando atenção no que acontece no município. Aí, a Assessoria do Vereador ou o próprio Vereador tem iniciativa ao encaminhar o projeto. A outra forma é o próprio cidadão anônimo, sob o ponto de vista do relacionamento dele com o Vereador. Não o conhecemos; é um cidadão comum, que aciona o *site* do Vereador, liga para o gabinete e dá sugestões de projetos de lei. A outra forma é que pessoas do nosso relacionamento de amizade encaminham projetos de lei para o gabinete de um determinado Vereador, e isso é analisado. A nossa Assessoria Jurídica e a Procuradoria ajudam-nos a elaborar projetos de lei. Nesse caso, a iniciativa foi da própria associação, por meio do Sr. Edelmar juntamente com os senhores presentes, a quem cumprimento. A proposta foi encaminhada em cima de um fato real, o Centro Dia do Idoso. É assim que nasce uma lei, uma política pública. Quando falamos de, estamos falando daquela que temos, enquanto proposta do Governo, enquanto política pública consolidada. Há programas, que, normalmente, acabam não sendo obrigatórios. Quando se mudam os governos, um determinado governo fala: “Esse programa não é do meu gosto”. Então, começam já mudando o nome. Então, acaba-se eliminando um certo programa, fazendo adequação a ele ou fugindo do objetivo do titular da pasta anterior.

É importante que programas não sofram solução de continuidade, porque senão vem um governo, coloca um programa e vem outro e o tira; e nunca há uma política pública. Por isso, quando há algum programa importante, o Vereador vai e quer transformá-lo em lei. Na hora em que isso ocorre, para se tirar esse programa, isso só pode ocorrer por meio de outra lei. O Centro Dia do Idoso é uma ideia maravilhosa, porque não temos o Centro Dia do

Idoso enquanto política pública. O Governo não assumiu que há idosos fragilizados. Há o centro de convivência para idosos, para eles se movimentarem. Não há problema algum nisso. Não há fragilidade nenhuma. Não há nenhum problema quanto a isso. Então, vão ao centro de convivência e passam o dia lá, participando de oficinas culturais e sociais e demais atividades. O Centro Dia do Idoso já tem uma outra proposta, maravilhosa, por conta da nossa realidade. Essa é uma forma de se fazer uma lei justa e real. Temos de trazer uma realidade que hoje há e transformá-la num projeto de lei, para que, finalmente transforme-se em lei.

Há milhares e milhares de riscos que idosos sofrem. Estou falando que estão sujeitos a acidentes domésticos, violência doméstica, depressão e sedentarismo, entre outros males que os acometem. Para isso, há a proposta inicial do Centro Dia do Idoso. É por isso que há audiência pública. Um projeto pode ser mudado, melhorado e modificado em 10, 20, 30 ou 100%, desde que não perca o seu objeto, a sua ideia. Como idosos estão fragilizados, temos de contar com um gestor em gerontologia, podendo os familiares serem seus cuidadores. Podemos também citar os profissionais de Saúde, de serviço social, estudantes, estagiários e voluntários. Essa é a ideia básica do projeto. Fizemos um *folder* para o melhor aprimoramento do projeto. Há 1,3 milhão de idosos.

O Sr. Rubens fará a justificativa inicial do projeto.

**O SR. RUBENS** – O município de São Paulo possui, atualmente, 1,3 milhão de idosos com 60 anos ou mais, dos quais mais de 350 mil, com dados do IBGE, não têm plena autonomia para realizarem suas atividades cotidianas.

**O SR. DALTON SILVANO** – Esse é um dado significativo.

**A SRA. PRESIDENTE (Edir Sales)** – Parabenizo a iniciativa do Vereador Dalton Silvano, nosso querido amigo desta Casa e Vice-Líder, muito atuante na Casa. S.Exa. faz parte da Mesa da Câmara e está em seu quarto mandato. Estou muito feliz por participar e apoiar esse projeto. Sabemos que, em famílias que há idosos em casa, o cuidador de idosos dura dez anos menos, por enfrentar *stress* muito grande. O idoso está doente e toma

calmantes e remédios, e sua a família está sóbria e lúcida, atendendo-o. Como já foi dito, ele tem uma propensão maior à depressão e doenças psicológicas e crônicas, além de acessibilidade. Esse projeto é de fundamental importância.

Parabenizo também o trabalho da Associação dos Familiares e Amigos dos Idosos. Parabenizo o Sr. Edelmar, nosso amigo, que tem feito um trabalho brilhante; o pessoal da OAB e a Sra. Ângela.

Nobre Vereador, sempre estaremos apoiando projetos de lei interessantes. É importância a realização de audiências públicas. Os projetos podem ser aprimorados e melhorados, desde que não se perca o seu objeto principal. Esse projeto terá sucesso, nobre Vereador Dalton Silvano.

Vou dar um exemplo. Quando fui Deputado Estadual, conseguimos criar o Centro de Referência do Idoso em São Miguel Paulista. Nobre Vereador Dalton Silvano, V.Exa. conhece o CRI, Centro de Referência do Idoso, em São Miguel. Conseguimos criar esse projeto, na ocasião, e é um sucesso. Ocorre que o projeto que estamos falando é mais abrangente. Idosos vão ao Centro de Referência do Idoso que criamos, em São Miguel Paulista, na Praça do Forró, e contam com médicos, dentistas, psicólogos e psiquiatras, além de haver danças e bingos.

Esse Centro Dia de Cuidado do Idoso é mais abrangente; cuida mais daquele idoso que passa por um processo de isolamento social, com quadros depressivos aguçados e perda gradual de capacidade funcional. Isso pode levá-los, subitamente, a um estágio de dependência total, no caso de sofrer acidentes em seu domicílio. A mãe do meu marido tinha Alzheimer. Há uma desagregação familiar muito grande quando o idoso fica doente. Lembro-me que ele tem duas irmãs e um irmão. Quem cuidou da sua mãe foi só ele. Os outros irmãos tinham suas ocupações, e acabou sobrando para ele fazer todo aquele hospital em casa, com uma diferença. Quando a pessoa tem condições financeiras, monta uma UTI em casa, no caso de sua mãe, com *home care* e enfermeiros 24 horas. E as pessoas que não têm condições de

fazer isso, o que mais frequentemente acontece? O que fazem com seus idosos? Parabêniso, mais uma vez, o Centro Dia de Cuidado do Idoso, de iniciativa do Vereador Dalton Silvano. Conte comigo para o que precisar, nobre Vereador, nas comissões, no que pudermos colaborar e participar.

Parabéns a todos os senhores por estarem participando de uma luta tão gloriosa, um pouco esquecida, muitas vezes, pelos nossos governos públicos. O nosso município vem trabalhando, intensivamente, nessa área, mais ainda agora, com a iniciativa desse projeto de lei.

- Assume a presidência o Sr. Dalton Silvano.

**O SR. PRESIDENTE (Dalton Silvano)** – Agradeço as sempre sábias e carinhosas palavras da Vereadora Edir Salles.

Tem a palavra a Sra. Rosa Subasi, especialista na área de gerontologia.

**A SRA. ROSA SUBASI** – Bom dia a todos. Muito obrigado, nobres Vereadores Dalton Silvano e Edir Sales, pelo apoio. Nosso curso de gerontologia é uma graduação. Ele surgiu perante à demanda do número que cresceu, devido ao aumento do envelhecimento. A Universidade de São Paulo tem esse curso, formando gestores em gerontologia. A nossa relação com o Centro Dia começou a partir do momento em que fomos conhecer melhor esse equipamento. Começamos a realizar pesquisas também junto ao Centro Dia, com apoio de toda a equipe, começando com o Sr. Edelmar. Tive uma experiência, no Japão, em outubro do ano passado. Na ocasião, tive a oportunidade de fazer um curso de especialização de gerontologia. O Centro Dia, naquele país, é como se fosse um centro de referência, um centro de convivência. Vemos isso, em todas as cidades, num número muito grande. Constataram que essa é uma alternativa. No Japão, não há um número adequado, um número enorme de instituições de longa permanência, que seriam, entre aspas, os asilos. Então, começaram a pegar modelos, principalmente europeus, e um deles é o Centro Dia. Incorporaram isso com

políticas públicas. Então, em todos os lugares, em todos os bairros, há um Centro Dia para idosos, onde chegam de manhã e vão embora ao final do dia.

O interessante é que o incentivador do nosso apoio ao Centro Dia é a nossa pesquisa, sobre motivações que levam idosos a frequentarem esse centro e por que famílias deixam seus idosos lá. Então, um dos resultados é que o próprio idoso fala que voltou a ter um convívio social, coisa que não tinha antes, porque ficava sozinho em casa. Muitas vezes, não conversava nem com a própria família. Era perigoso ficar em casa; então, volta a ter convívio social, a partir do momento em que ele tem uma relação com a equipe que cuida dele e com outros idosos. Foi também percebida uma melhora clínica após ele frequentar o Centro Dia. É claro. Se a pessoa era extremamente social e tinha um estado clínico fragilizado, acaba percebendo melhora. Uma das coisas que a família disse é que o idoso voltou a ter tranquilidade, em casa, ao deixar o Centro Dia e fazer seus afazeres. Muitos idosos trabalham.

Algo me chamou muito atenção foi a melhoria no convívio familiar. A partir do momento em que o idoso passou a frequentar o Centro Dia, passou a viver melhor. Tudo isso são resultados. Utilizamos tanto a pesquisa quantitativa, mas principalmente a qualitativa, e obtivemos resultados muito positivos. É claro que precisamos melhorar sempre, mas é necessário o Centro Dia com políticas públicas. Isso já é realidade, em outros países, e precisamos implementar urgentemente aqui.

**O SR. PRESIDENTE (Dalton Silvano)** – Gostei das experiências, que vêm ao encontro da proposta do projeto de lei. É muito interessante. Contamos com experiências reais.

Tem a palavra a Sra. Ângela Figueiredo, do Projeto Velho Amigo.

**A SRA. ÂNGELA FIGUEIREDO** – Bom dia a todos. Esse projeto é uma instituição que existe há 13 anos, preocupada com a inclusão do idoso, particularmente o carente. Começamos a perceber que não bastava apenas ajudarmos casas que acolhem idosos. Precisamos nos mexer para melhorarmos as políticas públicas que atendem a idosos de maneira geral. Conhecemos o pessoal da AFAI e vimos que o trabalho deles era muito

interessante, por não apartar o idoso de sua família. Ajudamos a levantarem essa bandeira. Agora temos algumas convicções, de por que a Prefeitura de São Paulo tem de adotar esse modelo como política pública. Primeiro, porque a população do país está envelhecendo muito rapidamente. Logo, em São Paulo, haverá mais idosos do que jovens. Hoje o Brasil, como um todo, vive um momento chamado bônus demográfico. O número de pessoas ativas, economicamente, é maior do que o número de pessoas aposentadas. O que vai acontecer muito em breve? O número de crianças vai continuar caindo, e as pessoas que hoje são, economicamente, produtivas, vão se aposentar. Agora é o momento de se criarem equipamentos, porque agora a arrecadação ainda é alta.

Os núcleos familiares hoje estão mudando. As mulheres estão indo para o mercado de trabalho, e as famílias têm uma constituição diferente de 50 anos atrás. Então, hoje esses idosos começam a não ter mais familiares para cuidarem deles. Ou porque famílias estão, efetivamente, mudando ou porque as mulheres indo para o mercado de trabalho, quando antes ficavam em casa cuidando de seus idosos.

O que temos de pensar? Que o idoso hoje está bem, num centro de convivência. Amanhã poderá sofrer uma queda e ir para uma cadeira de rodas ou sofrer um AVC ou ter uma doença cerebral. Aí, não poderá mais frequentar o centro de convivência. O que vão fazer com ele? Então, seria natural haver o centro dia, para que continuasse sendo assistido e houvesse uma assistência melhor, com qualidade de vida. A partir do momento em que as famílias desses idosos podem mandá-los para um Centro Dia, o familiar cuidador volta para o mercado de trabalho. Isso aumentaria a renda familiar.

Estava comentando sobre o *stress*. Há estudos que provam que o familiar cuidador vive, em média, dez anos menos, repito, por causa disso. Além disso, o idoso vai acabar onerando a saúde pública, porque também vai precisar de cuidado.

Há uma coisa muito importante. O equipamento Centro Dia tem de contar com transporte. Por que digo isso? Porque se estamos falando que vamos atender, principalmente,

a uma faixa da população carente, não podemos esperar que a família leve o seu idoso e vá buscá-lo de transporte público. Seria muito interessante que fosse previsto algo semelhante a um transporte escolar. Na Espanha, tive oportunidade de ver isso funcionando.

A respeito de experiências práticas, no município de Itu, há dois Centros Dia mantidos pela Prefeitura. Funcionam muito bem, com profissionais de diversas secretarias do município. Há um trabalho de conclusão de curso, feito por um estudante da FEA-USP, no ano passado. Nele, ela fez uma avaliação econômica desse programa; entrevistou gestores, idosos e seus familiares. Posso encaminhar esse trabalho a V.Exa., nobre Vereador Dalton Silvano.

**O SR. PRESIDENTE (Dalton Silvano)** – Seria muito importante.

**A SRA. ÂNGELA FIGUEIREDO** – A qualidade de vida desses idosos melhorou. Isso é maravilhoso. Eles passam a perceber que sua vida é importante. Pediram que dessem uma nota de zero a dez para sua saúde. Em sua cadeira de rodas, o idoso com dor, deu nota dez para sua qualidade de vida, para sua saúde. Por quê? Porque dizia: “Aqui estou sendo cuidado e alimentado, tomo meu remédio na hora certa e há pessoas para conversarem comigo”. Os familiares dizem a mesma coisa, que idosos que antes não dormiam, não davam paz, agora têm uma rotina para dormirem e se alimentarem. Eles voltavam para casa e tinham o que contar o que fizeram durante o dia.

Acreditamos que, mesmo não se conseguindo montar uma estrutura maravilha, com assistência, em todas as áreas possíveis, só um cuidado básico já vai representar uma diferença muito grande na vida dos idosos.

**O SR. PRESIDENTE (Dalton Silvano)** – São muito boas as sugestões e experiências. A ideia é muito boa. Quanto ao Atende, como há muita gente, pode haver problemas.

**A SRA. EDIR SALES** – Nas vezes em que precisamos do Atende, fomos bem atendidos.

**O SR. PRESIDENTE (Dalton Silvano)** – A procura é muito grande.

**A SRA. EDIR SALES** – Nobre Vereador, peço licença para me retirar, pois tenho outra comissão para participar, que se iniciará às 11h. Essa reunião está sendo muito bem conduzida, por iniciativa do Vereador Dalton Silvano. Cumprimento aqui cada um dos senhores que estão fazendo parte desse momento muito importante e especial do idoso. Cumprimento também a Mesa, o Sr. Presidente da AFAI, as Sras. Ângela e Carmen e todos os senhores. Estou à disposição. No que puder fazer para caminharmos juntos por uma causa tão justa, estaremos juntos.

Bom dia a todos. Boa reunião e que tenhamos bastante sucesso.

**O SR. PRESIDENTE (Dalton Silvano)** – Há aqui algum representante do Conselho Municipal do Idoso? (Pausa)

Tem a palavra o Sr. Hélio, da Secretaria de Participação e Parceria.

**O SR. HÉLIO** – Bom dia a todos, que saíram de suas residências e vieram aqui para discutirmos sobre residências para idosos. Isso poderia ocorrer, pelo menos, num período. Estou falando de um projeto de extrema necessidade. Estamos hoje na Coordenadoria do Idoso, da Secretaria Municipal de Participação e Parceria, onde desenvolvemos várias atividades para idosos, na cidade de São Paulo, no nosso polo, totalmente gratuitas. Compartilhamos todas essas ações e iniciativas de extrema importância, no momento em que vemos agressividade na velocidade em que o mundo envelhece, principalmente o nosso país.

O Brasil, até há alguns anos, era considerado um país jovem. Hoje percebemos que nós, principalmente, que atuamos diretamente no segmento da longevidade, estamos numa situação diferente. O Brasil envelhece muito rápido. Há uma importância, necessidade e uma preocupação muito grande, no sentido de, cada dia mais, estarmos atentos à criação dessas ações e desses projetos, para oferecermos um mundo melhor e envelhecimento mais ativo e saudável, observando sempre os direitos que cada idoso possui.

Às vezes, questionamos que não seria necessário haver um Estatuto do Idoso para prevalecer seus direitos. Direito já é a formatação da própria vida de cada um de nós, mas

precisamos de um estatuto, e muitas pessoas, até mesmo os próprios idosos, desconhecem a sua linhagem. Então, dentro da nossa coordenadoria, sempre discutimos e pautamos a necessidade e a importância de, cada vez mais, dessas criações e ferramentas que possam proporcionar melhor a continuidade de vida para eles na cidade.

Agradeço o Vereador por esse projeto. Torço e vibro para que isso realmente se concretize. Tenho acompanhado muito o trabalho do Sr. Edelmar, um batalhador. Até interferimos, quando a subprefeitura da Vila Mariana enfrentou um determinado problema burocrático, de localização. A Secretaria Municipal de Participação de Parceria, por meio da coordenadoria, esteve junto com o Subprefeito. Solicitamos e mostramos para V.Exa. qual a importância da permanência dessa entidade no local. Acredito que conseguimos, pelo menos, naquele instante, adiantar o processo. Hoje ainda conheço um novo local, mas fui ao antigo, não de maneira oficial, para participar dos momentos alegres. Sei como é o bonito que a AFAl desenvolve.

Quando falamos em 1,360 milhão de idosos só, na cidade de São Paulo, estamos falando de apenas um Centro Dia. Seria interessante haver milhares de unidades para abrigarem todos os idosos. Seria também interessante se fizéssemos outro modelo. É importante a criação desses Centros Dias em cada bairro, em cada vila, em cada região. Falo de um modelo de uma proporção muito maior, com toda adequação e estrutura, para atendermos a todos os idosos. Então, estamos sempre aplaudindo essas iniciativas e vontades do Poder Público, do Governo e de pessoas que pensam hoje no futuro dos idosos.

Muito obrigado a todos. A Coordenadoria está no Cambuci. Estamos sempre abertos para passarmos informações sobre longevidade. Com relação ao grande conselho, ontem várias pessoas confirmaram que estariam presentes no evento. À tarde, a partir das 14 horas, no sábado passado, nas 31 subprefeituras, houve a eleição do Grande Conselho Municipal do Idoso, para o biênio 2012-2013. Seguindo o regimento, hoje à tarde, os 45 candidatos vão eleger a executiva dos cinco mais votados.

A nossa agenda está um corrida hoje. A coordenadoria está juntamente com comissão. Se Deus quiser, esperamos ter presidente, um vice-presidente, secretários e um conselho forte, bem mais do que foi antes, para trabalharmos em conjunto, o grande conselho, a Secretaria Municipal de Participação e Parceria e a Coordenadoria do Idoso.

**O SR. PRESIDENTE (Dalton Silvano)** – Agradeço a sua presença, que tem feito um trabalho maravilhoso e excelente, em defesa do idoso, da melhor idade, ao representar a Secretaria Municipal de Participação e Parceria. Reconhecemos as dificuldades que enfrentamos na cidade. É importante a articulação e a presença das pessoas na eleição.

Tem a palavra a Sra. Carmen, representando a OAB - seccional Jabaquara.

**A SRA. CARMEN GARCIA SULLER MARZÁ** – Bom dia a todos. Eu queria parabenizar também o nobre Vereador, pela iniciativa e por abraçar esta causa.

Represento a Subseção Jabaquara-Saúde da Ordem dos Advogados do Brasil. E, na verdade, nos estamos aqui mais como testemunhas do trabalho do Edelmar, que nos procurou. E nos temos acompanhado, há quatro, cinco anos, quase, o seu trabalho, que realmente vem se desenvolvendo e se aperfeiçoando pela prática. E o interessante é justamente ele ter conseguido levar isso para todos esses locais, para conseguir transformar, como o Vereador lembrou, numa lei, para que não seja um programa passageiro, para que realmente isso venha a ser implantado. Então a OAB tem dado esse apoio, mas realmente quem sabe o que está fazendo, porque está ali no dia a dia, e praticamente criou essa ideia – e vai falar com muita propriedade, até porque eu já assisti ao Edelmar em outros eventos, e também fui aprendendo com ele o que fazer, partindo da prática. Todos nós temos os problemas pessoais, familiares, que eu passei, como muitos, e nós sentimos falta desse apoio, de ter alguém mais alguém para dividir, para que o idoso não ficasse isolado em casa, porque é o que acontece. Por isso que eles costumam dizer: “Nós estamos aqui para falar pelos que não podem falar, pelos que são invisíveis”. Quem vê essas cerca de 350 mil pessoas no Município? Não vê. Elas são realmente invisíveis, nas casas, e com famílias com muitos

problemas. Então o que nós queremos realmente é que este projeto vá à frente, se transforme em lei, para que depois cada parte da Cidade luta para ter o seu, porque é preciso mesmo ter vários desses centros nos diversos pontos da Cidade. Como lembrou bem o representante do projeto Velho Amigo, a questão do transporte: além de eles estarem na região, é preciso que haja o transporte, porque a maioria dos idosos são fragilidades, e muitos deles sem condição de locomoção.

Então realmente estamos aqui mais para testemunhar o trabalho do Edelmar, para apoiar no que for necessário, mas que realmente quem vai dizer o que é, e que nos encantou desde o primeiro momento, quando conhecemos, e como vimos o desenvolvimento, e o quanto progrediu essa ideia, e quanto esses idosos estão bem, felizes com essa convivência. E nós queremos isso para todos os outros, para todos os idosos, especialmente para os mais carentes – e aí entra, então, o Município, para que os carentes possam ter essa possibilidade também.

Então contem com a nossa colaboração no que for possível, principalmente apoiando aquilo que o Edelmar agora vai deixar mais claro para todo mundo.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Dalton Silvano)** – Agradeço a Dra. Carmen. É sempre importante a participação da OAB em todos os movimentos, em todas as ações da Câmara Municipal de São Paulo. A OAB tem sempre sido uma parceira nos piores e nos melhores momentos.

Então passarei a palavra a Irene Cruz, que aqui é sempre a presidente.

**A SRA. IRENE CRUZ** – Bom dia a todos. Estou até triste, porque eu sou a única representante do Conselho Municipal do Idoso. Eu sei que hoje vão ser indicada a Executiva do Conselho, e para isso acabamos de fazer uma eleição. Mas justamente a filosofia do nosso Conselho Municipal do Idoso, que é a participação do próprio idoso – com participação direta, o idoso elegendo idoso, fazendo questão de ter esse protagonismo da pessoa idosa –, mas, no

entanto, a gente verifica que não temos nenhum dos 45 conselheiros eleitos na outra gestão. Eu estou triste. Mas eu não quis perder essa oportunidade.

Este é um projeto bastante interessante, e, acho, estamos pedindo isso há muito tempo, porque isso consta já da Política Municipal do Idoso, que aprovamos nesta Casa em 2004-2005, se não me engano. Consta que a Prefeitura deveria criar os Centros Dia para idoso.

Como vocês sabem, a população idosa é feita de vários tipos de idosos: tem o idoso fragilizado, tem o autônomo, tem o idoso que é fragilizado financeiramente, mas é autônomo. Quer dizer, a gama de idosos que existe na cidade de São Paulo é muito grande. Até é muito interessante, porque as últimas pesquisas mostram que a maior parte dos idosos tem moradia. Parece incrível. Os donos das casas são os idosos, e eles acabam sendo expulsos pela família, ficando sem suas casas. Então são coisas que a gente verificou durante a nossa passagem no conselho. Então a gente precisa pegar essa gama de pessoas idosas, que não tem condições de ficar em casa sozinha, e ter esse equipamento, o Centro Dia. Precisa ser muito bem estruturado.

Aqui faço uma menção ao Item 6 (?), Vereador Dalton Silvano: deixar sob a responsabilidade dos familiares cuidadores, diretos ou indiretos, é meio complicado, porque justamente queremos é que esses familiares tenham condições de seus idosos em casa, mas que tenham uma estrutura de apoio para eles, porque essa é a grande questão, uma vez que os familiares dos idosos ficam perdidos, sem saber o que fazer com o idoso em casa. É muito caro cuidar de um idoso, como já disse a Dra. Ângela. Um trabalho de um cuidador de idoso é muito difícil; é um serviço complicado. Então eu acho que tem de ser uma estrutura totalmente pública, multidisciplinar, e todos os serviços têm que ser dos órgãos públicos – saúde, esporte e lazer, assistência social. Acho que o Estado deve isso a este idoso, que foi contribuinte durante toda a sua vida. O Estado tem a obrigação de lhe devolver, e para as suas famílias, todo o imposto que arrecadou desta pessoa. Então os familiares têm de ter esse apoio, para

poder cuidar do idoso em casa, mas com a estrutura de um Centro Dia.

Durante as minhas andanças por esse Brasil todo, por causa da minha função, vejo que uma cidade de São Paulo como não tem equipamentos públicos para o idoso. Não tem; temos apenas dois – o Creci, no Vale do Anhangabaú, debaixo do Viaduto do Chá; e o Pólo Cultural, onde hoje funciona a Coordenadoria do Idoso. São os dois únicos equipamentos públicos para o idoso da cidade de São Paulo. Os outros equipamentos, ditos como públicos, na realidade não são, porque são conveniados. Então os grupos de Terceira Idade tem a função, também, de 600 dias e são conveniados. Quer dizer, o próprio Estado não tem assumido a responsabilidade dele com relação ao Centro-Dia.

O Centro-Dia tem de ter em cada subprefeitura, pelo menos. Pelo menos! Não é um só. E é pouco. É pouco. Estou aqui também como representante do Fórum do Cidadão Idoso do Butantã. Já na região do Butantã temos 55 mil idosos, em torno de 30 grupos de terceira idade. Trabalhamos junto com eles. Onde vemos esses 55 mil idosos? Não vemos, estão todos internados dentro de casa e não têm possibilidade de sair e as famílias também não têm condições de levá-los para algum lugar ou interná-los. Todos nós sabemos que a internação de um idoso abrevia a vida desse idoso. É a alternativa para o asilamento. Asilar é a pior coisa que tem para uma pessoa. Já estou com 70 anos e só peço isso: que nunca seja asilada. Por melhor que seja, se alguém já teve a oportunidade de frequentar uma casa de repouso da melhor qualidade, dessas que custam 10 mil reais por mês, 7 mil reais por mês, fica-se assustado de ver o isolamento dessa pessoa idosa. A solidão! A palavra certa é essa: solidão. Eles sentem uma falta danada da família, do convívio com os netos, com os filhos, com os parentes.

Eu dou os parabéns para o Vereador por ter essa ideia e espero poder ajudar, poder burilar um pouquinho na hora de formatar esse centro para ficar abem mais próximo dessa pessoa idosa que é necessitada desse equipamento e também das famílias dos idosos. Obrigado pela oportunidade.

**O SR. DALTON SILVANO** – Sensacional. Quando eu falo que nunca ninguém é vice porque quem passou por essa experiência e são dessas experiências que vamos construir com um futuro melhor. Nada melhor do que quem viveu no dia a dia. Gostaria de contar, não só com a sua ajuda, Irene, mas de todos os que estão aqui, para que pudéssemos fazer uma reunião de trabalho. O projeto de lei foi formatado de uma ideia que, como eu disse, nasceu de uma realidade da associação mas não podemos deixar de contar com a experiência de quem viveu, quem vive. Vivemos de uma forma diferente da forma com que você, na presidência do conselho, viveu no dia a dia, dos problemas. Temos a nossa realidade. Lembro da minha mãe, cada um lembra dos seus familiares. Cada um vive da sua forma mas tendo um contexto do idoso, e estou falando de 350 mil, com certeza cada família tem o seu problema. Para encontrar uma média e esse problema que você colocou foi interessantíssimo. No contexto vou até colocar na justificativa a palavra solidão. Parece que não tem em nenhum texto que fizemos. É interessante. É uma palavra muito forte.

**A SRA. IRENE** – A palavra solidariedade vem daí.

**O SR. DALTON SILVANO** – Nesse sentido temos até dificuldade de contatar as pessoas. Vamos formatando o projeto e as pessoas que não participam, depois, quando está formatado, já viu! É a mesma coisa, depois que faz um texto, pensa, escreve e vê que está faltando uma vírgula. Muito legal, Irene. Gostei da ideia. Seria legal fazermos uma reunião de trabalho para aprimorar o projeto de lei. Nascendo de um projeto de lei até para poder pegar esses dados históricos que você citou, desde 2004, pegar as informações. Falei com o Prefeito Gilberto Kassab outro dia. Disse que tenho um projeto sensacional sobre o centro do idoso. Ele disse que quer ver. O governante também tem de comprar a ideia. Mais: o próximo prefeito, independentemente de quem for, e não vamos falar de questões partidárias, também tem de assumir determinados compromissos, sejam quais forem.

**A SRA. IRENE** – Sempre digo o seguinte: acho que tenho de ter participação política mas quando me perguntavam qual era o meu partido eu dizia: o PI e espero que todos

se engagem nesse partido, o Partido do Idoso. Todos nós vamos ficar velhos. A outra alternativa ninguém quer!

**O SR. DALTON SILVANO** – É o que a gente fala para o jovem: “Onde estás, estive. Onde estou, estarás”. Vamos dar sequência.

Pergunto se a Renata Cereda, coordenadora do Lar Escola São Francisco quer fazer uso da palavra. Está sendo convocada pela Edeomar.

**A SRA. RENATA CEREDA** – Bom dia. Agradeço a oportunidade que esta brilhante mesa está me dando de fazer algumas colocações sobre esse projeto. Me pegaram um pouco de surpresa mas já sou parceira dessa iniciativa do Centro-Dia do Idoso há alguns anos. Inclusive já tivemos até publicações acadêmicas na época em que o Centro-dia era administrado pela Universidade Federal de São Paulo. Resgatei esta publicação que tivemos em 2003 na *Ciência e Saúde Coletiva*, um periódico nacional de prestígio, em que observamos que em seis meses de intervenção gerontológica integral e integrada à saúde dessas pessoas que então freqüentavam o Centro-Dia nesses moldes, um pouco diferentes dos atuais, em que existe um claro protagonismo do próprio familiar. Esta é a proposta atual do Edeumar. Na proposta anterior tínhamos a intervenção da equipe de saúde da universidade. Era um equipamento muito bem delimitado na esfera da saúde nem tanto da assistência social. Conseguimos produzir, na época, uma melhora da capacidade funcional muito clara e significativa estatisticamente apesar de termos poucos idosos. Infelizmente a capacidade desse tipo de equipamento é pequena. É necessária a criação de diversos equipamentos porque não é possível criar um centro de referência que possa, de forma tão abrangente, atender a todas as necessidades desses idosos. Então, esses centros devem ser pequenos. Concordo com a Irene quando diz que deve existir um, no mínimo, por subprefeitura. E, com certeza haverá, ainda assim, demanda reprimida. Não tenho dúvida disso.

Então, em relação ao texto acredito que desde o primeiro artigo poderíamos iniciar alguma discussão sobre o conceito desse idoso fragilizado em que esferas essa fragilização

ocorre. Seria uma fragilização no âmbito social? Seria uma fragilização no aspecto da saúde? Acredito que o objeto precisa ficar ainda mais claro.

Ao ler o texto, penso: Que idoso pode se beneficiar dessa modalidade? Acredito que não deveriam ser todos. Não é possível abarcar todas as necessidades, porque existem equipamentos no âmbito social e da Saúde que já conseguem minimamente dar conta de algumas questões. Existem os ambulatórios e as próprias instituições de longa permanência que são equipamentos válidos em determinadas condições e quando um idoso adentra a uma instituição de longa permanência, isso deve ser feito sob intensa discussão com a família e até mesmo com o próprio idoso, quando possível.

A grande relevância desse projeto é o respiro do cuidador – sem dúvida. Isso já foi falado aqui, isto é, a possibilidade de cuidar do cuidador. Então, o cuidador precisa de cuidados. Acredito que ele também seja alvo das próprias intervenções do Centro-Dia. Ele também é público-alvo desse equipamento e não apenas a necessidade do idoso. É muito importante ter um olhar diferenciado de parte da equipe para as necessidades práticas, porque esse idoso passará apenas dois turnos no Centro-Dia e no turno da noite, por exemplo, quem vai cuidar? É o familiar. Então, esse familiar precisa ser assistido em suas necessidades práticas e também emocionais. Existem dois grandes pilares na atenção a esse idoso: a atenção muito intensiva ao cuidador e à sua realidade quando está diante dos cuidados, porque o cuidado não acaba ali. Não é simplesmente colocar o idoso no Centro-Dia e achar que está tudo garantido, que está tudo certo. Ele não pode ser privado do seu convívio na família e dos cuidados que serão demandados quando estiver em casa.

O projeto é extremamente relevante. Não é necessário falar da relevância. Há muitos anos estamos acompanhando. Temos uma interlocução muito boa, muito profícua e estamos acompanhando. Fazemos essa referência e contra referência entre o serviço de reabilitação gerontológica do Lar Escola São Francisco, que é um serviço de reabilitação de cunho gerontológico previsto pelo Estatuto do Idoso.

Gostaria de lembrá-los do item 5, do Capítulo IV, do Direito à Saúde que diz: “É assegurada a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos.

A prevenção e a manutenção da saúde do idoso serão efetivadas por meio de: reabilitação orientada pela geriatria e gerontologia, para redução das sequelas decorrentes do agravo da saúde.”

Esse é o nosso item. É nesse ponto que nós, no nível ambulatorial, nos posicionamos e identificamos. Temos a oportunidade em ambulatórios, assim como os Centros de Referência, de mapear os casos e identificar os casos de fragilidade. Nesse ponto digo que ainda precisamos discutir esse conceito de fragilidade, que pode ser muito abrangente ou estritamente fechado em publicações conhecidíssimas no âmbito da geriatria sobre os estudos de fragilidade do ponto de vista biológico. Então, precisamos definir esse idoso.

Os ambulatórios, como nós - no Lar Escola São Francisco - e os Centros de Referência conseguiriam mapear essas necessidades, essas demandas, essa fragilização e poderiam contribuir e articular essa rede, que é nosso grande problema.

Podemos criar vários equipamentos, cada um destinado a uma tarefa específica, a uma demanda específica da sociedade. Mas, e a articulação entre esses equipamentos? Eu acredito que até poderia ser prevista.

Além disso, poderíamos também discutir a questão do orçamento, a questão do financiamento dessas ações. Estariam no âmbito do Sistema Único de Saúde ou não? Isso até coloco como uma dúvida minha.

Então, de uma forma preliminar, era isso o que eu gostaria de apontar aqui e permaneço à disposição para os debates.

**O SR. DALTON SILVANO** – Sensacional. Aliás, nossa Mesa está altamente

qualificada. Estou muito feliz por isso.

Antes de passar a palavra, digo que o Edeomar vai ficar para o fim, porque Deus sempre põe uma estrela para brilhar. Irene, trata-se de uma ideia que vem. Toma-se uma atitude, uma decisão que irá para frente e atenderá várias pessoas. Sou uma pessoa determinada. Quando começo algo vou até o fim.

Renata, sua fala foi muito boa e de todos da Mesa. Vou fazer sugestão e uma proposta, porque esse projeto, apesar de eu ser o autor, não é meu. Não sou dono dele. O dono desse projeto é a própria sociedade, não só a sociedade idosa, como também aquela que tem interesse direto na solução dos problemas do idoso. Enfim, é de toda a sociedade.

Seria interessante marcarmos uma reunião de trabalho. Preciso das fichas com os nomes completos, telefone, cargo, endereço. Peço à assessoria que anote tudo.

Funciona da seguinte maneira: primeiro vem a ideia. Elaboramos um texto que se aproxima o máximo da necessidade do debate. É por isso que há a audiência pública. Se você fizer uma consulta primeiro e todos exporem uma ideia não sai o texto. Não sai o projeto de lei e não conseguimos avançar. Trata-se de uma estratégia técnico legislativa. Encaixamos o projeto de lei nos moldes preliminares que entendemos poder atender à demanda. Realizamos a audiência pública. Quando a iniciativa é do Vereador é muito mais fácil modificar. Quando a iniciativa é do Executivo a dificuldade é maior.

Seria bom se fizéssemos uma reunião de trabalho e elaborássemos um texto que se aproximasse de forma mais ampla do que se discutiu e daquilo que hoje já existe na demanda ou no Conselho Municipal do Idoso, no Conselho Estadual, nas entidades, organizações, OAB, etc. Gostaria de fazer essa reunião.

Há apenas um dado que é o seguinte: em formatando o texto para ser proposto e sendo aprovado em primeira votação dessa forma que expus - a Irene sabe como funciona e a maioria sabe - faz-se a primeira votação com o texto do modo como está apresentado. Faz-se a audiência pública e colhem-se as informações. Temos ainda, após o texto final, de aprovar

em segunda votação para sanção.

Porém, não podemos pôr o projeto para ser votado se não negociarmos com o Poder Executivo sobre o formato e o modelo possíveis de se praticar na cidade de São Paulo.

Não adianta fazer um projeto de lei para ter um posicionamento político sabendo que, se não houver uma negociação ampla, inclusive com o próprio Conselho, este Plenário vai começar a colocar ponto, vírgula, travessão. Então, é algo muito complexo. Mas estamos acelerando.

Imagine que alegria do Governo, do Sr. Prefeito, se conseguirmos. Sou Vice-líder do Governo e temos uma relação muito próxima. Depois da aprovação de 1/3 dos Srs. Vereadores, para se chegar ao texto final, temos de ir às Secretarias de Participação e Parceria; da Saúde, de Assistência Social; Esporte, Lazer e Recreação, que estão mencionadas no projeto de lei.

Outro problema é a questão da iniciativa. Está aqui a Procuradoria sempre atenta. Agradeço a Sra. Mirian Vargas e o Sr. Rubem, da nossa Assessoria Técnica, que sempre nos ajuda a formular os textos.

A ideia básica da nossa estratégia do projeto de lei é não gerar custos. O Vereador não pode criar lei que gere custos para o Executivo, até porque as políticas públicas devem ser implantadas pelo Executivo. Só para os senhores entenderem como funciona tudo isso.

Agora estou feliz porque já há ideia de texto, de modificar mantendo o escopo do projeto de lei, o objetivo final, mas detalhando qual o modelo ideal, etc.

Tem a palavra o Sr. Emílio Ivo.

**O SR. EMÍLIO IVO** – Sou da Associação dos Familiares da Dona Nair. Ela tem oito filhos, dos quais cinco são idosos, com mais de 60 anos. O nosso principal representante é a mãe do Sr. Edelmar. Ela é a motivadora dessa atividade e, com certeza, também motiva o Sr. Edelmar. A Mioko, minha querida cunhada e esposa do Sr. Edelmar, participava do Centro do Idoso da Vila Mariana, por conta da mãe da Mioko, que era uma das pessoas assistidas.

Foi mencionado o convênio da Unifesp, que foi encerrado por diversos problemas, e os familiares criaram a AFAE. A partir daí, os familiares e os idosos foram obrigados a substituir o Poder Público porque, mal ou bem, aquele convênio existia com verba da Prefeitura e da UNIFESP, como complementação.

Mas é tudo inexplicável. Por que uma experiência que estava dando certo como aquela para? Exatamente pela falta de continuidade da política pública.

Sou um companheiro do Dalton Silvano, que conhece a minha mãe como eu conheço a dele. Então, estamos chegando lá. No meu caso, já. Para ele ainda faltam muitos anos.

Há dificuldades: o bazar, o bingo, não vou entrar nesse assunto, mas não me conformo com o fato de os familiares e amigos, depois de determinado período, já com suas atividades profissionais e particulares, terem de fazer o bingo para levantar dinheirinho e, da mesma forma, recolher roupas e utensílios para promoverem um bazar para manter o projeto. Desse modo, posso dizer que um grupo de famílias é penalizado, só porque os pais, sogros e sogras são velhos, e o Estado não enxerga isso. Quando o Estado enxerga, faz um centro de referência, oferecendo atividade cultural, artesanato, talvez, tenha um voluntário dentista, etc. Isso é quase tudo.

O asilamento merece outra discussão, porque é uma medida extrema. Pode ser necessária, mas... acho que há muito asilamento. Estou falando dessa maneira para dizer que o Dalton Silvano, realmente, abraçou essa causa e tem falado com outros Vereadores e com o Prefeito, como ele mesmo disse. Vamos passar por um novo processo. Se tudo sair bem, neste ano, conseguiremos aprovar, porque depois de mais uma audiência – não sei quantas mais haverá – será formalizada a segunda votação e será aprovado pela Câmara. Tenho certeza de que será.

Quanto à implantação, a essa altura do campeonato, se dará no próximo ano, dependendo da sanção do próximo Prefeito.

Assim, estou imaginando que devemos fazer um pacote para todos que estiverem na frente das pesquisas eleitorais para dizer: está aqui, queremos o Centro Dia. O fato de a lei ser aprovada não obrigará o Prefeito a implantá-lo. Essa será a nossa luta.

O Dalton Silvano mencionou que o aprimoramento do projeto se dará nessa discussão. Por exemplo: no projeto dele, não está incluído o transporte, sendo que é extremamente necessário.

Além de tudo, o Dr. Hélio fez menção, sobre a qual não deixarei de falar. Não sou encrenqueiro, mas enxergo algumas coisas que considero como atitudes de extrema intolerância.

Há poucos dias, no final do ano passado e começo deste ano, a FAI estava na Alameda dos Guatás, numa casa, com aluguel razoável, ajudado por um parceiro, e as coisas iam andando bem. De repente, toda a comunidade da FAI entra em pânico, porque a legislação não permitia a permanência da casa ali, porque tem uma atividade que está inserida num contexto mais amplo, igual ao *drive in* e aos motéis que estão ali, mas, todos os tipos de comércio, lojas e prestadores de serviços permanecem lá, sendo que a única que teve ação direta da Associação dos Moradores do Planalto Paulista que, na visão do seu presidente e da sua diretoria, o Edelmar jamais vai dizer isso, mas eu posso dizer: eles foram absolutamente intolerantes.

Foram intolerantes com o *drive in* que permanece lá? Aparentemente, sim. E no que a FAI incomodava a essa comunidade? Talvez por estacionar um carro na frente ou deixar do lado. Eles se sentiram incomodados por isso.

Agora, toda a Av. Indianópolis, tomada diariamente, 24hs por dia, por toda aquela prestação de serviço de ordem sexual que é oferecida à população, permanece lá, assim como o *drive in*, o motel, etc.

Aí o Edelmar, e a turma da FAI que é maravilhosa, foram obrigados a sair porque foram multados em 25 mil reais, de pronto. Então, é a intolerância.

É outro assunto, mas há intolerância com casas que abrigam menores em situação de risco, com velhos, etc.

Agora, foi o Subprefeito o intolerante? Não. A própria sociedade que foi lá e exigiu.

Sinto-me muito feliz pela atitude do Dalton Silvano. Vai haver muita dificuldade ainda, principalmente na implantação. Mas eu, como irmão do Edemar, vou ajudar. Mas quem pode ajudar mais? É quem já está nesta mesa, que já está empenhado e todos os que estão comparecendo aqui para se empenhar, assim como muitos que não estão presentes e que farão parte das reuniões de trabalho. Como muito bem o Dalton Silvano sugeriu que a D. Irene ajude, independentemente do partido.

Falo um pouco demais, mas é o Edemar o orador da família.

**A SRA.** \_\_\_\_\_ - Nós temos um partido, que é o Partido do Idoso. O que o senhor acabou de falar aconteceu também onde eu moro.

Tínhamos uma casa de repouso, com 10 idosos, há uma praça próxima que é maravilhosa, onde os idosos no fim da tarde e de manhã tomavam sol.

Foram denunciados, tiveram de sair e lá, porque os idosos estavam causando constrangimento aos moradores, em cadeiras de roda, principalmente para as crianças que viam aquela cena do idoso cadeirante, tomando sol.

**O SR. PRESIDENTE (Dalton Silvano)** - Eu disse que não havia manifestação da Irene, mas acabamos de receber uma conselheira do idoso eleita, D. Nilda.

**A SRA. NILDA ABDO GORAIB FLORIO** – Bom dia a todos, meu nome é Nilda Abdo Goraib Florio, moro na Vila Mariana desde 1962, na Rua D. Brígida. Subo e desço aquele morro todos os dias para utilizar o metrô.

Tenho três filhos fantásticos, assim eu os eduquei.

Aposentei-me sexualmente em 1987, quando meu marido faleceu e tenho alguns estudos, pertencço à Fundação Ibero Americana.

Você falou em APAE, sou aquela sempre fui estudiosa desde 1956 e voluntária.

Dentro da plataforma de conselheira do idoso, penso no idoso deficiente.

Quero agradecer ao Vereador Dalton Silvano, pensei que você fosse mais idoso, mas vejo que é muito jovem. Obrigado.

Você já foi do Conselho e eu amei, a Vila Mariana tem algo fantástico. Ninguém compareceu para votar.

O incrível é que todos nós defendemos coisas fantásticas. Nós que estudamos o envelhecimento, principalmente o envelhecimento ativo, sabe que está permanente na região da Vila Mariana, que compreende a Saúde em Moema. Nós sabemos, Vereador Dalton, que o suicídio por depressão não está na periferia. Esses idosos são felizes. Eles vão nas oficinas culturais, eles vão nos Clube-Escola mas nós não temos coragem de chegar até aí, por quê? O que está acontecendo conosco? Será que são as universidades que fizemos? Todos nós envelhecemos e estamos sabendo do mesmo problema: não queremos isolamento. Queremos estar junto. A minha votação foi incrível. Tive votação em todas as subprefeituras porque em três fóruns que a Vila Mariana não realizou nenhum, em Campo Limpo, M'Boi Mirim, Santo Amaro, tive votos. Aqueles idosos ouviram falarmos sobre envelhecimento ativo. Ouviram falarmos sobre uma estratégia e todos indicaram aos vereadores a minha proposta a todos os vereadores da região. Fui a mais votada da região, por incrível que pareça. Estou numa luta danada porque no contexto do Município fui a segunda porque a participação da zona Leste foi maior. Na Vila Mariana temos 87.622 pessoas acima dos 60 anos. Sem contar os de 55. Sabem quantas pessoas foram votar na Vila Mariana? 57. Quinze estavam envolvidas por um trabalho que eu pensei que nunca fosse ver. Mas ali, de cabresto, eles iam buscar. E 34 são meus amigos. Principalmente 24 que votaram foram do (inaudível). Estou lá representando essa região porque sou dela. Espero contar com todos os senhores. Não é a Nilda. Queremos a união de todos e a Vila Mariana precisa começar a se fazer presente na Cidade.

Sou autora dos Jogos Brasileiras do Idoso e pareço pedinte. Não conseguimos falar com o Prefeito da Cidade de São Paulo para realizar os jogos aqui. Então, graças a Deus

estamos sendo compreendidos em outros locais. Não conseguimos aqui. Será realizado este ano, em novembro, em outro local.

Sintam-se dentro do Conselho mas, por favor, vou dar o meu email, o vereador tem, vamos nos comunicar, vamos estar presentes dentro do Conselho. Não me deixem sozinha representando uma região que mais sabe trabalhar e que precisa trabalhar por uma São Paulo mais unida e integrada.

Tenho de correr porque agora é a reunião da Executiva. Estou sendo bombardeada porque um grupo quer que eu abra a eleição – que acho que tem de ser democrática – mas tem alguns que já estão impondo que o senhor da zona Leste já fique como presidente. Para mim, onde estiver, vamos estar trabalhando. Por favor, me chamem para ouvir qual é a nossa proposta. Somos pela integração. Hoje sou sozinha porque minha mãe já faleceu, minha irmã também. Minha mãe chamava aquilo de Buraco da Onça porque viemos do interior onde todo o mundo se integrava. Eu também acho falta do convívio do pessoal da Vila Mariana. Muito obrigada. Peço licença porque uma das coisas que quero propor de imediato é a questão da comunicação. Não temos isso.

**O SR. DALTON SILVANO** – Tivemos um relacionamento muito rápido com a D. Nilda, foi até por email e pudemos dar uma contribuição. A Vila Mariana tem alguns aspectos porque é uma região muito verticalizada. É uma classe média baixa e alta. Aceito a proposta da Conselheira eleita.

Estamos à disposição para fazer um trabalho conjunto na Vila Mariana. (Palmas)

Antes de passar a palavra para o Edemar a Ângela fará um adendo.

**A SRA. ÂNGELA** – Quando a Renata estava falando ela disse da importância da integração entre as diversas políticas. Isso me lembrou uma coisa que está acontecendo. Estive conversando com o pessoal da Associação Bom Parto que administram vários serviços da Prefeitura, entre eles o Programa Acompanhante do Idoso, da Secretaria da Assistência Social. É aquele programa onde a Prefeitura treinou pessoas para visitarem duas vezes por

semana idosos que moram sozinhos para ajudá-los nas atividades da vida diária. A Ana Maria, que é a responsável por este programa estava comentando comigo que eles têm notado que alguns idosos que estão sendo atendidos por eles já desde o início do programa, há cinco anos, agora não têm mais condições de ficarem sozinhos. A visita de duas vezes por semana do acompanhante é insuficiente. Eles entraram em contato com o projeto Velho Amigo para ver se conseguíamos montar um Centro-Dia para eles começarem a encaminhar esses idosos do PAI para uma assistência mais freqüente, diária. Onde nossa esbarrou? O Projeto Velho Amigo conseguiria ajudá-los a estruturar a casa que eles têm mas de onde vem dinheiro para manter o dia a dia desta Casa com funcionários, alimentação, etc? Sem uma política pública de Centro-Dia isso não vai funcionar. Isso me lembrou da importância dessa interligação entre as políticas. A pessoa que está sendo atendida pelo Programa do PAI passar automaticamente para o Centro-Dia e assim com as outras também. Obrigada.

---

**O SR. DALTON SILVANO** – Agora que todos fizeram uso da palavra vamos passar a palavra, finalmente, para o presidente da AFAl, Edelmar Ulrich fazer a sua exposição. É uma tribuna de honra. A Casa terá toda a honra em recebê-lo.

**O SR. EDELMAR ULRICH** – Bom dia. Fico contente com todos os que estão nesta Casa hoje. O teor da formação da mesa já dá o retrato do que é a Associação dos Familiares e Amigos dos Idosos. São todos amigos e participantes dessa causa dos idosos numa luta que vem de seis anos. Agora, muita gente fala: “o Edelmar, o Edelmar. Não codifiquei quantas vezes falaram Edelmar. Mas Edelmar, na verdade, é esse pessoal que está sentado aqui na frente: Irene, D. Graciela, Maria do Carmo, Maria Alice, Monalisa, Zé Carlos, Amélia, Myoko, Graziela, Jorge, a Karen do ABC, que esteve na casa com o pessoal do Projeto Cuidadores. Enfim, o que quero dizer com isso é que essas outras cadeiras vazias refletem o porquê desses idosos de que estamos falando não estarem aqui. Idosos com Alzheimer, com incapacidades, com demências e nós, bem mais novos, brigando por uma turma muito próxima a nós.

Na verdade, a AFAI surgiu assim. Eu, por causa da minha sogra, pois não sabia o que era Alzheimer, O outro: “Ah, minha mãe também tem Alzheimer moderado”. Outro por AVC, outro por isolamento social. De repente você se descobre com uma igualdade de problemas. Como fica uma família quando surge um idoso com problemas ou com demência?

Quando resolvemos fundar e montar o Centro Dia achávamos que seria por pouco tempo nossa vivência com o Centro Dia e a casa, porque o Poder Público, a assistência social, os Direitos Humanos, a saúde chegariam, nos abraçariam e diriam: “Olá, gente, vamos compor com vocês e ajudá-los nessa luta”. E isso não aconteceu.

Descobrimos que os idosos fragilizados, que defino dentro de um conceito bem simplista, Renata, são todos aqueles que necessitam de alguma ajuda para fazer a sua atividade de vida diária. Precisou ir ao banheiro com acompanhante já está precisando de um cuidador. Precisa de ajuda para tomar água, para almoçar, para caminhar, para tudo. Então, um idoso fragilizado dentro de um conceito está em todas as classes.

Quando se fala em idosos carentes há uma diferença muito grande, porque a nossa carência é em termos de população. Temos a criança carente, o adulto carente e o idoso carente em todos os aspectos. Mas, no nosso caso, esse Centro Dia do Idoso fragilizado, 350 mil idosos, só no Município de São Paulo, estão invisíveis. Eles não têm cuidados.

Nós, familiares, quando tivemos essa ideia de dar continuidade ao antigo Centro Dia nos pegamos com medo, assustados e pensamos: “Mas, nós é que vamos cuidar mesmo? E o Poder Público? Cadê?” Aí a coisa foi crescendo e está nesta Mesa hoje. Por quê? De repente, você procura a Coordenadoria do Idoso e pede esclarecimentos. Aí você tem uma mãozinha. De repente, você vê uma OAB dizer: “Olha, nós podemos participar disso também”. De repente, a USP Leste, a Gerontologia vem e diz: “Olha, nós podemos dar algumas orientações e fazer até algum trabalho”. Aí nós, mal das pernas também, porque isso tudo significa dinheiro, vem o Emílio e diz: “Bazar, bingo, rifa”, fazemos de tudo, temos de pagar as contas.

Então, vêm os parceiros. O Projeto Velho Amigo vem a uma palestra, nos conhecemos e essa coisa toda cresce. Com esses apoios que ousamos continuar. Ousamos mais, que veio de encontro com o Vereador Dalton, que talvez não tenha dimensão da importância do que está acontecendo aqui hoje, porque é a ousadia de lutar por uma política pública, por um idoso fragilizado que não consta em lugar algum. É ousadia porque o próprio conceito do idoso fragilizado está mal compreendido. Quem é esse idoso fragilizado? É aquele que ganha pouco? É aquele que não tem o que comer? Não é isso, gente. O idoso fragilizado depende de alguém para sobreviver, para fazer a sua atividade de vida diária.

E nós do Centro Dia do Idoso, com a ajuda de todos esses especialistas que passaram a ir a nossa casa, que antes de serem especialistas ou profissionais se descobriram humanos. Como é cuidar desse idoso fragilizado? É tão difícil assim? Não, gente, não é.

O Centro Dia do Idoso é uma segunda casa do idoso. Quando entra no Centro Dia já vem com todos os tipos de cuidados: de saúde; de psicologia; o familiar já vem com o diagnóstico em que esse idoso toma oito, dez, doze medicações por dia. Quando vem para o Centro Dia é devido a um desespero da família em procurar dar um bom cuidado a esse idoso. E esse idoso, muitas vezes, nem sabe direito o que está acontecendo com ele. Fica pensando por que o estão levando para aquela casa.

Assim, descobrimos que a família necessita do Centro Dia como um apoio, como um braço para que a família se recomponha. E que esses familiares também consigam fazer as atividades que muitas vezes deixam de fazer no dia a dia para poderem cuidar desse idoso.

Sendo mais atrevido ainda, na semana retrasada li uma crônica do Hélio Schwartzman que dizia que o mundo deveria criar um índice de felicidade para substituir os índices de qualidade de vida. Uma coisa muito discutida no Centro Dia era sempre nesse sentido. Como quantificamos abraços, sorrisos, emoções? Não dá. Solidão, como quantificar? E no Centro Dia, através dessas pesquisas da USP e de outros profissionais da casa, pelos relatos e vivências diárias, digo que temos um índice de felicidade, porque esses idosos e suas

famílias sorriem e vão com satisfação ao Centro Dia e as famílias revelam e relatam esses dados todos os dias.

O Centro Dia é uma necessidade em termos de equipamento social para idosos em todos os bairros de São Paulo e também para o resto do País.

Para o Dalton e para todos os outros que nos apoiam o nosso agradecimento e vamos tocar em frente, todos nós.

Muito obrigado. (Palmas)

**O SR. DALTON SILVANO** – Parabéns ao Edemar por essa luta. Todas as lutas são boas. Não há uma luta específica que seja boa.

Quero cumprimentar as Professoras Virgínia e Vitalina que são nossas convidadas. Convidei várias pessoas. Temos no Cambuci uma grande quantidade de idosos. As duas professoras dão aulas de dança para os idosos no Clube da Cidade do Cambuci e no Polo Cultural.

Parabéns, professora Cíntia. E elas são feras! Para acompanhá-las, não é fácil. Além de serem professoras de dança, também promovem várias atividades no Clube da Cidade, do nosso querido Cambuci. Agradeço-lhes a presença e dou os meus parabéns por terem vindo prestigiar a audiência pública desse projeto de lei.

Não temos mais nenhum orador inscrito. Aproveito para dirigir meu agradecimento à Procuradoria e para dizer que estou muito feliz pelas ideias que surgiram nesta reunião. De uma coisa, tenham absoluta certeza: quando encampo a luta por um projeto, vou até o fim. Vocês, então, contem com minha determinação e disposição.

Como vocês devem saber, sou publicitário. Entendo que a propaganda é a alma do negócio. Também aprendi que quando você quer resolver um problema, torne-o público, bastante público. Porque, se você não o torna público, as pessoas acabam não dando muita atenção a ele. Eu, como homem de *marketing* e de propaganda, sempre faço isso, tenho o hábito de tornar públicas as minhas ideias. Acabei de ter uma ideia, que gostaria de dividir com

vocês. É certo que precisávamos dar mais notícia desse projeto de lei. Vocês notaram que fiz um *folder* bacana, não é mesmo? Ficou bacana, mas não houve tempo suficiente para propagarmos essa ideia nem no Conselho Municipal do Idoso nem no Conselho Estadual do idoso, porque não temos os endereços das pessoas para fazermos mala direta. Teríamos de dar mais divulgação a esse projeto de lei. Embora já seja proposta, embora todos já saibam que tem de haver uma política pública, a ideia que eu tive – não sei o que vocês acharão, principalmente a Irene, que já foi Presidente – é produzirmos um abaixo-assinado, um grande-abaixo assinado na cidade de São Paulo. Atentem para o modo como nasceu o projeto Ficha Limpa – e isto é previsto na própria Constituição -: por meio de 1,2 milhão de assinaturas. Os Congressistas foram, então, obrigados a fazer o projeto Ficha Limpa.

Uma coisa é o Vereador Dalton Silvano, com o apoio da AFAI, do Conselho do Idoso e algo assim, fazer um projeto de lei, ir ao Prefeito e dizer: “Queremos que essa lei se transforme em política pública”. Outra coisa é haver uma movimentação na Cidade inteira, e as pessoas – inclusive familiares – manifestarem-se a favor da implantação de uma política pública do Centro Dia do Idoso. Estaremos avançando ao fazermos um abaixo-assinado, ao jogarmos a informação na internet, nas redes sociais.

**NÃO IDENTIFICADA** – Vereador, acho uma excelente ideia. Nós, no Butantã, acabamos de fazer um abaixo-assinado pedindo equipamento de saúde para os idosos da região e conseguimos mais de 500 assinaturas só nosso fórum. Então, indico também, como local próprio para essa divulgação, os Fóruns do Cidadão Idoso que existem em São Paulo, que são vários. Tenho impressão de que existem uns sete ou oito fóruns. O Conselho Municipal do Idoso tem o endereço desses coordenadores. Então, entrando em contato, eles passarão esse abaixo-assinado, com certeza.

**O SR. DALTON SILVANO** – Perfeito. Acho importante avançarmos, buscando o apoio da população. Tenho bastante trânsito entre os idosos, particularmente no Parque Edu Chaves, onde há quatro grupos de terceira idade e estamos fazendo um centro de convivência,

que é diferente, é outra proposta. Eu até contaria com a ajuda de vocês para já disseminarem esse ideia e irem produzindo o texto do abaixo-assinado, pois temos de chegar no Gabinete do Prefeito e dizer-lhe: “Temos 500 mil assinaturas”.

Era isso o que eu gostaria de dizer. (Pausa) Tem a palavra a Sra. Karen, última oradora inscrita.

**A SRA. KAREN** – Sou graduada em Gerontologia. Atualmente, dou aulas para o curso de cuidadores na Projeta Cursos. A ideia que tenho é tentar juntar esse trabalho com o projeto Bairro Amigo do Idoso. Penso que o centro dia poderia estar contemplado no projeto Bairro Amigo do Idoso para que pudéssemos tornar a ideia mais forte. Era isso o que eu tinha a dizer. Obrigada.

**O SR. DALTON SILVANO** – Não havendo mais inscritos, passarei a anotar os telefones de vocês. Vocês estão dispostos a nos ajudar a formatar um texto? (Pausa) Está certo assim? (Pausa)

- Manifestações fora do microfone.

**O SR. DALTON SILVANO** – Então, reservarei um dia de manhã, oportunamente. Minha sugestão é a seguinte: está aqui meu cartão, onde consta meu *email*. O pessoal da. Penso o que vocês acham de encaminharem uma proposta antecipada para que possamos, Irene, arrumá-la e apresentá-la. (Pausa) O que vocês acham? Para agilizarmos o processo da reunião, peço que mandem sugestões de texto para meu *email*. Aí, chamaremos a Procuradoria, que também irá participar da reunião, e veremos o que é possível arrumar, e marcaremos a reunião para debater as sugestões. Daí, tiraremos um texto final, com o qual marcaremos uma audiência pública, começando, por exemplo, pela Secretaria de Assistência Social. Porque, se não tivermos essa relação com o Poder Executivo, isso não será viável. Obviamente, vamos falar com o Sr. Prefeito.

**A SRA. IRENE** - Outra ideia que eu tive, que tenho usado com muita frequencia, é uma ideia “bumerangue”: levar ao Prefeito a cogitação e fazer com que ele tenha a ideia de

criar o centro dia. “Trabalhar” o Prefeito com essa ideia bumerangue.

**O SR. DALTON SILVANO** – Na verdade, Irene, estive com o Prefeito e disse a ele: “Tenho uma ideia do centro dia do idoso, maravilhosa”. Falei com ele pessoalmente. E, aí, há uma coisa chamada desprendimento. Porque, muitas vezes, o Vereador tem uma ideia nesta Casa, e o Poder Executivo – e não me refiro a esse Prefeito, mas a todos os outros – abraça essa ideia e acaba transformando-a em políticas públicas. E se o Prefeito tiver o desprendimento de abraçar essa ideia, não tenho problema nenhum; o importante é implantar o centro na cidade de São Paulo. Porém, não é tão fácil assim, porque isso envolve filosofia, custos, decisão do Conselho Municipal; há necessidade de se avaliar o formato, o modelo, se é isso mesmo que as pessoas do Conselho querem, se o Secretário da Saúde entende que isso é possível e assim por diante.

É uma verdadeira batalha. Você pode pegar outro equipamento que não havia na cidade de São Paulo, que não foi lei, que criou uma polêmica danada. Primeiro, começou com o PAS, que criou aquela polêmica toda, porque seu formato ninguém controlava, e houve um desvio violento de recursos. Agora, introduziram a AMA. Há pessoas que criticam o modelo da AMA, que acha que tem de ser pela Administração Direta. Todo mundo critica a AMA, mas recorre a ela, porque os hospitais da Administração Direta não dão conta. E assim vai. Então, tudo o que é política pública, em especial na área social, da saúde, de atendimento aos idosos, é difícil.

**NÃO IDENTIFICADA** – Eu queria só destacar, Vereador, que este é um primeiro passo, o reconhecimento do centro dia, a regulamentação, não só para as políticas públicas voltadas à construção dos centros dia, mas também para que as ONGs também tenham seu trabalho reconhecido.

**NÃO IDENTIFICADA** – Eu gostaria de sugerir, junto com o abaixo-assinado, que talvez por meio da Assessoria de Imprensa se pudesse conseguir notícias nos meios de comunicação renomados – *Estadão, Veja, Folha de S.Paulo, O Globo*. O senhor, como

profissional de *marketing*, sabe que a função do marqueteiro é fazer com que a pessoa perceba que ela precisa daquilo para viver. A partir do instante em que as pessoas começam a ver que existe esse equipamento e que ele é a solução dos problemas de tanta gente, elas começarão a procurar esse abaixo-assinado. Então, seria muito interessante conseguir divulgar isso através dos meios de comunicação, fazendo matérias a respeito.

**O SR. DALTON SILVANO** – Perfeito. Para nós divulgarmos na grande mídia, temos as nossas dificuldades. A mídia sempre prefere as notícias ruins. De qualquer forma, temos o nosso *site* e trabalharemos para divulgar mais e melhor. Para todos os projetos de leis e propostas que temos, há dificuldades nessa divulgação. Tivemos também a ideia de fazer um projeto de lei voltado para a saúde móvel, dirigido aos idosos - ideia que já existe em outro Estado -, que se constitui num veículo equipado para atender os idosos nas comunidades com serviços mínimos. Porém, tudo o que é novidade gera custos, e os governantes preferem investir no simples.

Dito isso, declaro encerrada a primeira audiência pública do PL 527, relativo ao centro dia do idoso. Agradeço a presença dos componentes da Mesa e dos demais presentes. Gostaria do nome completo das pessoas presentes para que eu possa reformular esse *folder*, dando conta das pessoas presentes que se manifestaram, e para que possamos agendar uma próxima reunião para daqui a cerca de 20 dias.

Estão encerrados os trabalhos.